

Onze de Setembro, NY

Fotografias de Rita Barros

Tudo o que existe, que existe para nós, é o que sabemos, o que aprendemos a nomear. Não interessa o nome legítimo, oficial, histórico por vezes: mas sim o nome que a nossa convivência, a nossa habitação legitimou.

As Torres Gémeas.

Sabemos ainda que os nossos desejos, conhecidos ou ignorados, as expectativas que construímos, alteram profundamente a aparência e o significado do que julgamos conhecer. Adequamos os objectos às nossas percepções.

A Fotografia, como qualquer outra representação, entrelaça estímulos com saberes prévios, fornece uma imagem que é aquilo que queremos nela encontrar; mas é-nos muito mais fácil acreditar que o mundo é o real, é como o vemos, que a representação fotográfica é uma cópia desse mundo. A Fotografia, sabêmo-lo bem, desde o seu início, foi colocada ao serviço desta ilusão.

Mas outra ilusão maior informa e conforma a imagem fotográfica: a convicção de que ela transporta um sentido que condiciona o significado que lhe damos. Mais, revela aquele sentido oculto do mundo e do acontecimento que de outra forma não chegaríamos a conhecer.

O que podemos esperar das imagens fotográficas não são testemunhos, provas de uma realidade ausente que transmite significado. Devemos e podemos esperar que estas imagens sejam inteligíveis, que nos indiquem o acesso a um jogo de associação e recorrência a que chamamos reconhecimento.

As Torres Gémeas, portanto.

A imagem é a leitura que fazemos dela. É nosso o referente que evocamos em nome de uma reconhecida ausência, é nossa a nostalgia com que a rodeamos e nos sufoca.

É nossa também a capacidade de alimentar um discurso a partir de uma imagem que não fala, que nada diz. É Bem nosso o “fantasma depressivo” que nos faz sofrer em cada corte, em cada mutilação – de pedras, de coisas, de gente.

Estas imagens de Rita Barros pertencem a um memorial, esse rasto de um passado revivido depois da morte o constituir como memória colectiva. Esta reconstituição de um processo de luto que não se quer esquecer funciona com os mesmos motivos, o mesmo dispositivo: o desejo de inscrever um rasto definitivo da relação tormentosa entre o sujeito e o acontecimento. Um olhar sobre o mundo que se desfaz, mas que para o fotógrafo e para quem o revê é ainda a busca de si mesmo na exaltação do acontecimento, na revolta e no desgosto que fundou o gesto de fotografar.

Por si mesma, a Fotografia já detém essa dinâmica entre a vida e a morte, na busca do tempo suspenso; a fotografia suspende o tempo e fixa a efemeridade do acontecimento. O estaticismo da imagem segura no tempo psicológico o nosso olhar, permite-nos atender no conjunto e no detalhe, sugere-nos o fora de campo que grita para lá da imagem. Imagem que é corte e captura, mas também porta que se abre para a estrada da empatia.

Estas imagens não necessitam de código, enquanto a ferida aberta na evocação deste acontecimento não representar ausência ou exclusão. Independentemente da sua natureza de imagem, estas fotografias de Rita Barros ligam-nos num único sentimento, o de tentar, como é sentir do fotógrafo, como é função da Fotografia, deter o mundo, interromper o inevitável do curso da História.

Rita Barros trouxe-nos, com estas imagens sem nome, sem nomeação, o sentimento mais forte que a Fotografia pode representar: tocar “a ferida do tempo vivo”, (S. Tisseron), aquele em que o tempo deixa de ser cronológico e histórico-social e apenas nos deixa nas mãos e na alma o dorido saber da perda e da contingência.

Tereza Siza/Maria do Carmo Serén